

VALE MAIS DO QUE PESA: A ARTICULAÇÃO DOS PEQUENOS PRODUTORES AGRÍCOLAS DO MUNICÍPIO DE PAULO AFONSO-BA, COM O CIRCUITO DAS FEIRAS LIVRES DA REGIÃO

Sérgio Luiz Malta de Azevedo

1 - Mestre em Geografia e Professor Pesquisador da UNEB- Campus VIII em Paulo Afonso-BA e do CESVASF Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco-PE; Pesquisador associado do Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o papel da comercialização de gêneros agrícolas da pequena produção de sequeiro do município de Paulo Afonso-BA nas feiras da região e a sua importância no processo de reprodução social do produtor agrícola do município estudado. Para realização desse estudo, utilizou-se um vasto material bibliográfico, visando fundamentar a análise tanto do ponto de vista empírico como teórico. No desenvolvimento do estudo utilizou-se, também, informações estatísticas, cartográficas e de pesquisa direta, esta última realizada através de entrevista com pequenos agricultores e com feirantes envolvidos na comercialização dos gêneros produzidos pela pequena agricultura do município. Constatou-se com a análise que na venda direta ao consumidor pelo agricultor retalhista e pelas mulheres-feirantes, o pequeno produtor retém uma parcela importante de seu sobretrabalho, representando, portanto, esta última forma de comercialização, a principal estratégia de reprodução social da categoria. Caso contrário, na venda da produção ao intermediário, este se apropria de uma parcela significativa do sobretrabalho do pequeno produtor.

INTRODUÇÃO

O tema deste artigo se situa na perspectiva da relação campo-cidade, tendo como objeto central de estudo o espaço da pequena produção agrícola em Paulo Afonso-BA e a participação dessa atividade no circuito das feiras da região.

Do ponto de vista dos vínculos regionais, as feiras fortalecem a centralidade urbana, ao propiciarem a redistribuição de gêneros alimentícios para os municípios integrantes da área de influência das cidades onde ocorrem. Além das feiras de Paulo Afonso, as de Santa Brígida e Macururé, ambas situadas na sede de municípios baianos fronteiriços a Paulo Afonso, também comercializam produtos da pequena produção agrícola desse município tais como feijão, milho, farinha, macaxeira, dentre outros. Este artigo tem, portanto, como objetivo analisar o papel da comercialização de gêneros agrícolas da pequena produção de sequeiro do município de Paulo Afonso-BA, cujos reflexos aparecem na produção e na articulação da pequena produção agrícola local com o circuito comercial das feiras da região.

Numerosos estudos abordam temas relativos à pequena produção agrícola, sobretudo na área das ciências sociais. De modo geral, duas perspectivas são adotadas por esses estudos, visando compreender o funcionamento da pequena produção: aquela que aborda a pequena produção, considerando que os elementos que a constituem podem ser apreendidos em si mesmos enquanto parcela da sociedade que se diferencia da urbana e, até certo ponto, a ela se subordina e aquela que procura compreendê-la a partir do sistema econômico dominante, considerando, assim, que a reprodução da pequena produção é necessária à própria viabilidade das relações capitalistas.

Abordada segundo essa perspectiva, a pequena produção agrícola reveste-se de singularidades que são próprias das formas como evoluem as relações desse setor

com o capital. Tais singularidades estão orientadas, em primeiro lugar, pelas necessidades de garantir à família camponesa os meios básicos de sua sobrevivência. Em segundo lugar, por estar a pequena produção agrícola articulada ao circuito global do capital onde cumpre, entre outros papéis, o de transferir sobretrabalho e "produzir capital", encontrando-se ligada a este através de sua inserção no circuito de atuação do capital mercantil representado, no caso em análise, pelas feiras. Daí, a afirmação de que os movimentos de conservação e recriação da pequena produção interessam ao capitalismo, porque servem a seus propósitos de extração de sobretrabalho do pequeno produtor agrícola com vistas à produção e reprodução capitalista.

O surgimento de uma área urbana, economicamente dinâmica, desenvolvida a partir da exploração do potencial hidroelétrico das cachoeiras de Paulo Afonso, provocou mudanças substanciais no espaço sob sua influência, na medida em que passou a exigir da pequena produção desse espaço o desempenho do papel que lhe cabe no contexto do capitalismo atual que é o de produtora de gêneros alimentícios a baixo custo, viabilizando, desse modo, a produção/reprodução do capital.

No caso da pequena produção agrícola de Paulo Afonso-BA, as relações sociais e culturais moldam a organização do espaço rural ao mesmo tempo que são viabilizadas por essa organização, seja pela variedade de condições naturais e sociais ali encontradas, seja pela dinâmica interna à pequena produção (pelas relações não-capitalistas que se estabelecem), seja ainda pela articulação que mantém com o circuito comercial. Nesse último caso, a força de trabalho torna-se uma mercadoria cujo valor corresponde ao dos gêneros básicos de que necessita para sua reprodução. Assim, o sobretrabalho materializado nos excedentes comercializados, torna-se produto excedente que é, inteiramente, apropriado pelo capital comercial. É, portanto, através deste processo contraditório e dialético que o capitalismo recria e conserva a pequena produção

agrícola a fim de promover sua própria expansão.

É, portanto, nesses pressupostos teóricos que se apoia este estudo, tendo como fundamento a lei do desenvolvimento capitalista, pela qual o espaço é recriado num processo contraditório e desigual, fruto das relações sociais que se estabelecem no âmbito do modo de produção capitalista.

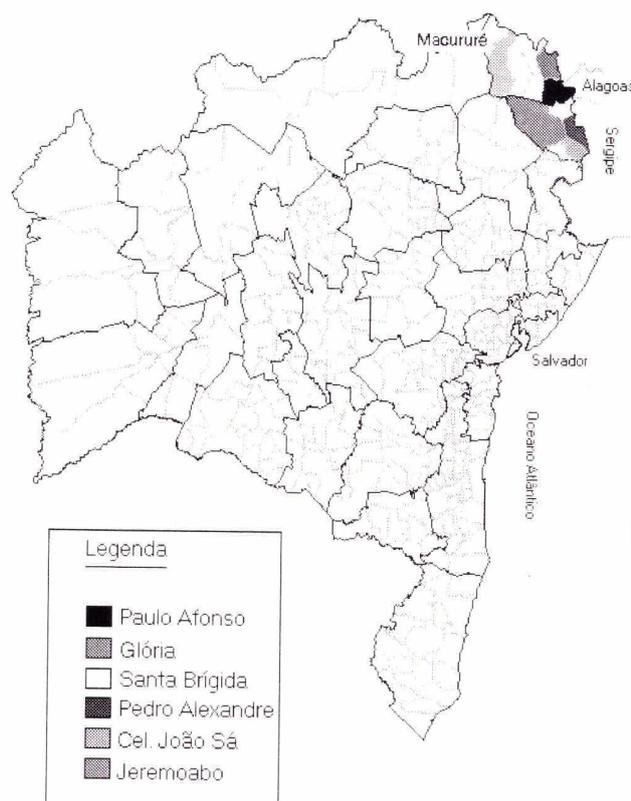
Em face das diretrizes centrais adotadas para concretização desta pesquisa, procedeu-se, inicialmente, o levantamento bibliográfico. Em seguida foram levantados dados através da pesquisa direta, realizada através de entrevistas com produtores rurais, agrônomos, técnicos agrícolas, presidentes de associações de pequenos agricultores e comerciantes de produtos agrícolas nas feiras da região. O período, abrangido pelo estudo, compreende os anos de 1970 a 2000.

1. MUNICÍPIO DE PAULO AFONSO-BA: CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS

O município de Paulo Afonso-BA se insere no Polígono das Secas do Nordeste brasileiro e localiza-se na margem direita do rio São Francisco, na sua porção sub-média, entre os paralelos de 09° 39' 27" e 9° 21' 10" de latitude sul e os meridianos de 38° 32' 16" e 37° 59' 52" de longitude oeste, ocupando uma área de 1018 km² (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 1995, p. 619). Em relação ao Estado da Bahia, o município encontra-se localizado em sua porção nordeste, compondo a microrregião Sertão de Paulo Afonso (MRH-005) da qual fazem parte os municípios baianos de Jeremoabo, Pedro Alexandre, Santa Brígida, Coronel João Sá, Glória e Paulo Afonso. Este último limita-se, ao norte, com o município de Glória-BA, ao sul com os municípios baianos de Santa Brígida e Jeremoabo, a leste com o rio São Francisco e com o estado de Sergipe e, a oeste, com o município baiano de Rodelas (Mapa).

O relevo dominante no município está constituído por depressões periféricas

Mapa
Localização do Município
de Paulo Afonso na
Microrregião MRH - 005



Fonte: Adaptado por Azevedo
C.C.S. de Uel - Geografiaonline

escala aproximada
1:14.000.000

interplanálticas, integrantes da unidade geomorfológica Pediplano Sertanejo, com cotas altimétricas que variam de 262 e 450m. Os solos, de maneira geral, são poucos desenvolvidos, com predomínio dos seguintes tipos: planossolo solódico eutrófico, bruno não cálcico, bruno não cálcico planossólico e areias quartzosas álicas.

As formações vegetais típicas da área objeto deste estudo são denominadas genericamente de caatinga hiperxerófila. São próprias dos ambientes semi-áridos e constituem-se de uma variada gama de espécies que, podem apresentar algumas variantes, a saber: caatinga arbustiva densa, caatinga arbórea-arbustiva e as formações marcadas pela presença da palmeira ouricuri (*Syagrus coronata*) que se apresenta intercalando as formações florísticas dominantes na área.

Incluindo-se entre as áreas deprimidas do sub-médio vale do rio São Francisco, o município de Paulo Afonso-BA, caracteriza-se por apresentar clima semi-árido do tipo BShs, seco, estépico e quente, na classificação de Köppen. Os baixos índices pluviométricos verificados ao longo do ano, vem resultando numa precipitação média anual de 500 a 600 mm. A temperatura média anual oscila em torno de 25,6° C (RADAMBRASIL, 1983, p. 837).

Dadas a localização e as características naturais da região de Paulo Afonso, seu povoamento deu-se a partir do século XVII. Até 1725, as áreas próximas ao rio São Francisco, integrantes da grande sesmaria da Casa da Torre, constituíam-se de terras pouco exploradas que, ainda nesse ano, passam a pertencer ao sertanista Paulo de Viveiros Afonso (a quem se atribui o nome da cachoeira e da futura cidade de Paulo Afonso). A sesmaria de que se torna, então, proprietário abrangia as atuais terras alagoanas da cachoeira, vindo a incluir também algumas ilhas e terras da margem direita do rio São Francisco onde hoje se localiza a cidade de Paulo Afonso-BA (Galdino, 1995, p.20). Assim, o povoado Forquilha, pertencente originalmente ao município de Glória (antigo Santo Antônio da Glória, no estado da Bahia), somente em consequência do início da exploração do potencial hidrelétrico das cachoeiras, transforma-se em cidade com o nome de

Paulo Afonso, vindo a constituir-se como município em 28 de julho de 1958.

Ancorada na iniciativa da Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco (CHESF), a cidade de Paulo Afonso-BA evolui em função, sobretudo, do grande fluxo migratório motivada pela demanda de mão-de-obra, àquela época requerida para trabalhar na construção das usinas hidrelétricas dos trechos encachoeirados do rio São Francisco naquela área.

Conforme pode ser observado nos dados do IBGE constantes da tabela, já em 1970 o município de Paulo Afonso apresenta um expressivo contingente populacional. Este passa de 46.126 habitantes, naquele ano, para 71.134 em 1980, 86.594 habitantes, em 1991 e 96.428 em 2000, sendo a população predominantemente urbana, haja vista encontrar-se em 2000, 82.514 habitantes. Enquanto isso, a população rural, nesse mesmo ano, não passa de 13.914 habitantes.

TABELA
MUNICÍPIO DE PAULO AFONSO - BA
POPULAÇÃO RESIDENTE

ANO	POPULAÇÃO RESIDENTE		
	Total	Urbana	Rural
1970	46.126	38.265	7.861
1980	71.134	61.978	9.156
1991	86.594	74.326	12.268
1996	93.609	80.504	13.105
2000	96.428	82.514	13.914

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 1970,1980 e 1991 e 2000.

Assim, a partir de uma base econômica e social fundada na exploração das potencialidades hidrelétricas das usinas da CHESF (PA-1, 2, 3 e 4, Apolônio Sales, Luís Gonzaga e Xingó), a cidade de Paulo Afonso logrou, dos anos 50 aos 90, uma importante função comercial e de prestação de serviços, cuja área de influência cobre, além da porção nordeste do estado da Bahia, parte dos estados de Sergipe, Alagoas e Pernambuco, área essa que tem em comum, a característica de encontrar-se ligada a um pólo urbano de importante poder atrativo de negócios (Bahia, 1995, p. 46-47).

A feira livre, existente desde 1948, quando foi incentivada pela CHESF (Hauptli, 1994, p.103), reflete esse crescimento, passando a comercializar inúmeros produtos alimentícios provenientes, sobretudo, dos estados de Sergipe, Alagoas e Pernambuco. Além disso, a cidade passa a oferecer um sem número de serviços demandados pela população rural, contribuindo para que os fluxos de mercadorias e serviços ultrapassem os limites do mercado local, aumentando a função polarizadora de Paulo Afonso que se torna, assim, o principal distribuidor de gêneros alimentícios e de serviços para os municípios vizinhos.

Por outro lado, verifica-se que a cidade de Paulo Afonso, a despeito de sua importante função comercial, não tem exercido com a esperada intensidade o papel catalisador da produção agrícola dos municípios de sua área de influência, representada por alguns produtos tradicionais como milho, feijão, mandioca, melão, melancia, tomate e cebola. Esse fato se explica pela forma como está estruturado o sistema regional de comercialização da produção agrícola, tendo como pontos de convergência as grandes centrais de abastecimento -"Ceasas"- das cidades de Itabaiana-SE, Aracaju-SE, Recife-PE, Salvador-BA, Maceió-AL, estas sim, responsáveis, em grande parte, pelo fornecimento dos gêneros agrícolas comercializados nas feiras de Paulo Afonso.

Desse modo, o abastecimento da cidade de Paulo Afonso, em termos de produtos agrícolas, passa a depender, em grande parte, de um complexo sistema de comercialização cujos fornecedores imediatos estão localizados fora de sua área de influência, fato que implica, entre outras conseqüências, na transferência para outros pólos da renda gerada pela atividade agrícola do município.

2. A PRODUÇÃO AGRÍCOLA E PECUÁRIA DE SEQUEIRO NO MUNICÍPIO: EVOLUÇÃO RECENTE DO QUADRO RURAL DA ÁREA.

Contrastando com o dinamismo da sede municipal, a área rural do município de Paulo Afonso-BA, apresenta um quadro inteiramente diverso e cuja evolução sócio-econômica baseia-se na pecuária praticada em regime ultra-extensivo e, complementarmente, na prática de uma agricultura de subsistência.

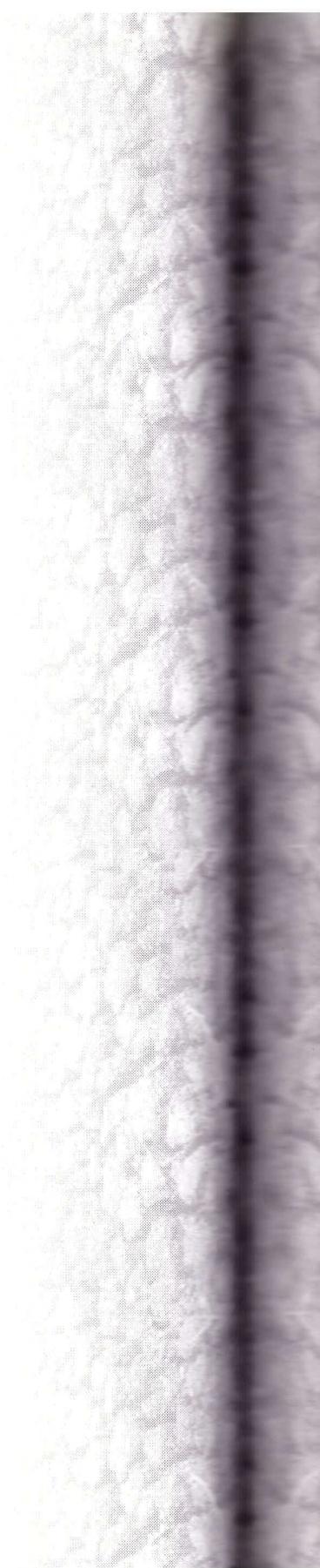
Atividade tradicional do município, a pequena produção agrícola tem constituído a base de reprodução física e social do agricultor familiar, destacando-se como principais produtos por ele cultivado a mandioca, o feijão, o milho e o algodão. Associado a essa atividade, pratica o criatório de caprinos, bovinos, ovinos e

"galinha de capoeira". Os dados do IBGE mostram que em 2000, os principais efetivos da pecuária são: 7.268 caprinos, 9.220 ovinos, 17.638 bovinos e de 13.450 cabeças de aves. Quanto à produção de mel de abelha foi de 10.510 kg, de acordo com o senso agropecuário 95/96. Bem como o extrativismo de espécies da vegetação nativa como umbu, licuri e murici. Encontra-se, ainda, entre pequenos agricultores do município, o cultivo de espécies forrageiras, a saber: a palma, alguns tipos de capim e a algaroba, utilizados para complementar a alimentação dos rebanhos, sobretudo durante a estiagem.

O feijão, produto de cultivo típico da área, é plantado nos meses de dezembro a maio, ocasião em que há uma maior concentração das chuvas. São cultivados, basicamente, dois tipos de feijão: o de feijão-de-arranca - o mulatinho e o carioquinha e o feijão-de-corda, também denominado feijão macassar.

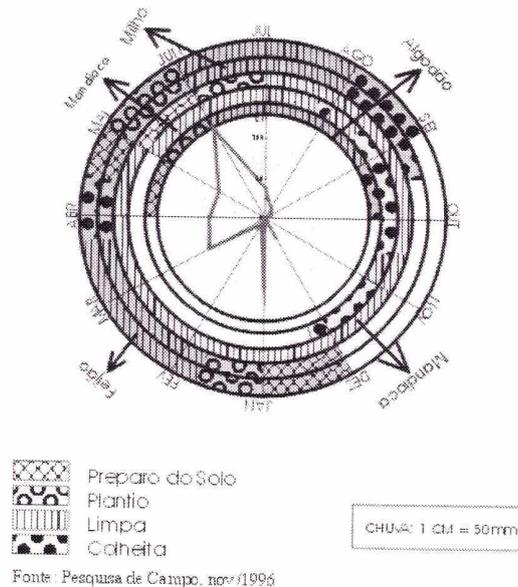
Excetuando-se os períodos de estiagem, as etapas do processo produtivo dos principais produtos agrícolas do município obedecem à cadência da distribuição anual das chuvas (gráfico). Daí identificar-se, pelo menos, dois momentos no ciclo produtivo anual: o primeiro, que corresponde aos meses de dezembro a março, refere-se ao cultivo da primeira safra de milho e do feijão-de-corda consorciados safra das "trovoadas" culturas essas preferidas pelos agricultores, por serem de ciclo curto e pela possibilidade de serem colhidas ainda "verdes", tanto para suprir a necessidade do agricultor como para venda desses produtos na feira; o segundo momento, que se estende de abril a setembro, corresponde ao de maior regularidade na distribuição das chuvas, nele ocorrendo o cultivo do feijão-de-arranca e da nova safra de milho.

Nos meses de dezembro e janeiro, período das "trovoadas", caso ocorram chuvas com a frequência esperada, o agricultor prepara o solo (dezembro) e inicia o cultivo do feijão-de-corda e do milho (janeiro). De janeiro a março são realizadas as limpas, sendo o milho e o feijão-de-corda, em geral, colhidos nos meses de março e abril. Em abril é feito o preparo do solo para as culturas do milho (2ª safra) e do feijão-de-arranca, plantados no mês de maio. As limpas ocorrem durante os



meses de junho e julho, realizando-se a colheita do feijão-de-arranca e do milho verde no mês de agosto, ao passo que a colheita de milho seco estende-se até meados de setembro (gráfico). De acordo com o IBGE a produção de milho e feijão em 2000, ano de forte estiagem, foi de 2,5 e 1,7 toneladas, respectivamente.

GRÁFICO
MUNICÍPIO DE PAULO AFONSO - BA
CALENDÁRIO AGRÍCOLA DAS CULTURAS DE
FEIJÃO, MILHO, MANDIOCA E ALGODÃO - 1994



Quanto à mandioca, as variedades preferidas na área são "chandinha", "criamenina" e "craibeirinha", genericamente denominadas de mandioca preta. Plantada em associação com o milho e o feijão, a mandioca é cultivada nas áreas onde predominam solos arenosos. Seu ciclo de produção dura, em média, 12 meses, podendo, contudo, se estender por 2 ou 3 anos, dependendo das condições climáticas e das necessidades de consumo da família agricultora. No caso da mandioca, o preparo do solo ocorre no mês de maio e o plantio no mês de junho, quando também começa a ser colhida a safra de mandioca do ano anterior. As limpas são realizadas durante o ano com intervalos médios de setenta dias. A colheita inicia-se em junho do ano seguinte prolongando-se, em condições

normais, até novembro, podendo excepcionalmente se estender até meados de dezembro (gráfico). A produção de mandioca foi de 6,5 toneladas em 2000.

Quanto ao algodão, tem experimentado nas últimas décadas um declínio bastante acentuado na sua produção, sendo que a variedade cultivada na área é o herbáceo, de ciclo curto. No caso dessa cultura, em geral, o preparo do solo acontece em abril e o plantio em maio. As limpas vão de junho a agosto e a colheita é feita em setembro (gráfico). Em 2000, conforme dados levantados no IBGE, não foi registrada nenhuma produção dessa cultura no município.

3.FEIRAS DA REGIÃO: ARTICULAÇÃO COM A PEQUENA PRODUÇÃO

Dentre as formas de comercialização dos produtos agrícolas no Brasil, as feiras livres representam a modalidade que melhor se ajusta à realidade nacional. Dado o seu caráter periódico, as feiras livres beneficiam-se de algumas facilidades ao livrar os comerciantes que delas participam de certas despesas próprias do comércio permanente, tais como imobilização de equipamentos, construção de instalações, despesas com água, energia e outros custos que são próprios do comércio varejista fixo. Além disso, constituem também a forma mais econômica de comercialização in natura de produtos de alta perecibilidade.

A origem da feira, no Brasil, recua à época colonial, tendo sido incorporada à realidade nacional - na medida em que se dava a expansão da fronteira econômica pela tradição portuguesa que já as utilizava desde a época medieval. No sertão nordestino, porém, a sua existência está relacionada às famosas feiras de gado que contribuíram, no século passado, para o desenvolvimento de importantes praças comerciais (Jesus, 1992, p. 96), como é o caso de Caruaru-PE e Feira de Santana-BA, dentre outras.

Em Paulo Afonso-BA, a importância das feiras livres como forma efetiva de comércio, ocorreu mesmo antes de sua emancipação política - a partir de 1948 - quando a CHESF iniciou os trabalhos de construção das usinas hidrelétricas, motivando na área a formação de um importante contingente consumidor que passou a demandar, em quantidade jamais vista antes, uma grande variedade de produtos, sobretudo hortifrutigranjeiros.

Embora se verifique o predomínio do feirante profissional na comercialização dos produtos da pequena agricultura, é significativa a participação de pequenos agricultores na venda, sobretudo, de produtos de baixo valor unitário, o que, de certa forma, contribui para a persistência de uma articulação (produtor-consumidor) hoje pouco encontrável nas feiras nordestinas, cujo espaço de atuação tem sido cada vez mais ocupado pelo intermediário, agente do capital mercantil.

Neste último caso, é possível encontrar-se as mulheres-feirantes, sobretudo nos períodos de safra, comercializando seus produtos em vários "pontos" incluindo-se, entre os mesmos, algumas esquinas que são pontos estratégicos do centro comercial da cidade de Paulo Afonso, onde se concentra o fluxo de carros e de pessoas, tal como ocorre com os vendedores de ruas das médias e das grandes cidades. Sobre esse último caso, elucida Santos:

"O vendedor de rua é menos dependente da clientela que os outros. Ele vai a sua procura, ele tenta essa clientela; ou pode aproveitar ao máximo uma ocasião: nos dias de chuva as ruas e escritórios são percorridos por vendedores (...). Algumas caixas, uma prancha, uma cesta, não mais que as duas mãos: isso é suficiente para improvisar um vendedor". (1979, p.172)

É interessante notar que, algumas dessas mulheres, embora constituam uma minoria, cerca de 5% dos entrevistados, praticam o que se pode chamar de meação no negócio em feiras, onde as mais bem estabelecidas repassam parte de suas mercadorias para aquelas que já possuem, de fato, a habilidade no negócio, mas não dispõem de capital para se estabelecer de forma mais permanente nas feiras. Estas passam a negociar com mercadorias de outrem, em troca de metade do lucro obtido com a venda dos produtos repassados. Com isso, a dona da mercadoria consegue, além de ampliar as possibilidades de venda de seus produtos, escoá-los mais rapidamente, o que favorece a venda de produtos mais perecíveis.

Constitui-se também prática generalizada entre os pequenos agricultores do município, a manutenção de estoques de produtos como milho, feijão e farinha, seja como reserva para o consumo da família nos períodos críticos de desabastecimento, seja para vendas futuras, quando os preços forem mais compensadores.

"Note-se também que se o negócio proporciona uma renda suficiente para fazer face ao consumo doméstico, a venda dos produtos do sítio e do roçado pode ser adiada para o momento em que se julga dar o melhor preço, aumentando-se a renda líquida com a agricultura".
(Garcia Jr., 1990, p. 105)

A participação de pequenos agricultores é uma característica encontrada em todas as feiras da região, seja como vendedores de produtos da roça diretamente ao consumidor, seja para vendê-los aos intermediários e, assim, adquirirem gêneros dos quais não são produtores. Constata-se, ainda, com bastante freqüência, nessas feiras, a participação ativa das mulheres de pequenos agricultores de alguns povoados do município, a exemplo de Juá, Nambebé, Várzea, dentre outros, embora a comercialização de produtos na feira seja atribuição dos homens (Garcia Jr., 1990, p. 120). Essa participação, no entanto, tem como objetivo a venda de produtos cultivados na roça e colhidos ainda verdes como é o caso do feijão-de-

corda, melancia e do milho verde (foto), juntamente com produtos coletados na vegetação nativa, como umbu, licuri e murici e daqueles provenientes da caça e do criatório de pequenos e médios animais. No período de entressafra, essas mesmas mulheres adquirem frutas e hortaliças na feira para serem revendidas.



Carlos Alberto Botelho

Foto - Feira - Setor de comercialização de gêneros da pequena produção

Ao fazer-se uma análise mais detalhada das funções das feiras da região, observa-se que estas exercem um importante papel de ligação do campo com a cidade. No que se refere à participação de pequenos agricultores de Paulo Afonso-BA nessas feiras, tal importância é evidenciada pela diferença dessa participação, entre o período chuvoso (março a julho) - quando se intensifica a presença desse tipo de feirante - e o período seco (de agosto e fevereiro), correspondente à entressafra, quando se verifica uma redução efetiva do número de pequenos agricultores comercializando seus produtos nas feiras. No itinerário de deslocamento dos pequenos agricultores de Paulo Afonso-BA, incluem-se cinco feiras, que configuram o circuito de comercialização dos gêneros da pequena produção agrícola municipal, a saber:

1) a "feirona" - principal feira da cidade. Essa feira realiza-se às sextas e sábados, localizando-se em área próxima ao centro da cidade. Sua importância extrapola a esfera do abastecimento local, alcançando o circuito do abastecimento regional,

exercendo o papel de redistribuidora de gêneros alimentícios aos municípios que integram a região polarizada por Paulo Afonso. Abriga cerca de 700 bancas e, mais ou menos, 200 pequenos agricultores no período de safra e 100 no de entressafra que comercializam seus produtos no chão do local onde se realiza essa feira . Nesse segundo grupo de vendedores, destacam-se as mulheres de agricultores que expõem suas mercadorias no chão e vendem diretamente ao consumidor os produtos que trazem do roçado e/ ou coletam no campo. A "feirona" é também o lugar onde os pequenos agricultores encontram-se com os intermediários para comercializar os pequenos excedentes trazidos da roça;

2) a "feirinha". Comporta cerca de 300 bancas e está situada em área um pouco mais afastada do centro da cidade (Mapa 08). É realizada durante toda a semana, tendo contudo, como principal dia o domingo. Nela os açambarcadores de feira (Castro, 1979, p. 210) comercializam os gêneros alimentícios que sobraram da "feirona". Atua, também, ali, sobretudo no período de safra, um razoável número de mulheres-feirantes principalmente do povoado Juá, que retalham, nas terças, quartas e quintas-feiras, produtos de pequena monta;

3) a "feira do Mulungu". Realizada em bairro do mesmo nome, localizado ao sul da cidade, abriga cerca de 300 bancas. Essa feira acontece também aos domingos e distingue-se das demais por constituir um espaço predominantemente de comercialização de carnes, roupas e outros congêneres. Os pequenos agricultores freqüentam-na, sobretudo, no período de safra, quando possuem produtos em quantidade suficiente para justificar seu deslocamento;

4) a "feira de Santa Brígida-BA" acontece às segundas-feiras, num município fronteiro ao de Paulo Afonso-BA. Santa Brígida-BA (mapa) é um pequeno núcleo rural que, a exemplo de tanto outros, (...) "via de regra, tem determinado o dia de feira, de modo a não conflitar com o da feira regional da localidade central a que a mesma está subordinada" (Corrêa, 1988, p. 74). De modo geral, os pequenos

agricultores desse município e dos municípios vizinhos freqüentam-na, para comercializar feijão, farinha e milho aproveitando-se, principalmente, de sua realização, em um único dia o dia da feira no qual se concentra a demanda dos produtos comercializáveis e aquela cidade passa a exercer alguma centralidade;

5) a "feira de Macururé". Com características próximas às da feira anteriormente mencionada, a feira de Macururé (mapa) é realizada às terças-feiras. Distingue-se, contudo, das demais por ser uma feira cujos negócios giram, na sua maior parte, em torno da comercialização de caprinos, visando ao abastecimento regional e, em menor escala da comercialização de mel, requeijão e manteiga, sendo estes três últimos produtos encontrados somente nos períodos em que as chuvas são freqüentes ou seja nos meses de março a maio. É freqüentada pelas mulheres-feirantes de um dos povoados do município de Paulo Afonso-BA, o de Juá, interessadas ora em adquirir produtos do município de Macururé, próprios do período chuvoso e ofertados a baixos preços na feira dessa cidade, ora em venderem produtos por elas cultivados, coletados ou fabricados - macaxeira, licuri, beiju, dentre outros. É nessa feira também que é comercializada, através de um caminhoneiro/ajuntador, importante parcela da produção de farinha do município de Paulo Afonso-BA.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Paulo Afonso-BA, fortemente marcado por condições de semi-aridez, teve sua base econômica e social dinamizada a partir do aproveitamento das potencialidades hidrelétricas das usinas da CHESF, cujo impacto dinamizador atingiu, em maior escala, a sede municipal onde, dos anos 50 aos 90, se desenvolveu uma importante função comercial e de prestação de serviços, tornando-se um pólo urbano de importante poder atrativo de negócios.

Contrastando com o dinamismo da sede do município, a área rural apresenta um quadro inteiramente diverso. Com parte de seu território situado no Raso da Catarina, esse município teve sua evolução sócio-econômica e cultural baseada na pecuária ultraextensiva e, de forma complementar, na prática de uma agricultura de subsistência. Consolidada como atividade tradicional no município, a pequena produção agrícola tem, portanto, constituído a base de reprodução física e social da família agricultora, cuja produção envolve o cultivo de algumas espécies tradicionais na área (milho, feijão, mandioca e algodão), o criatório de animais, sobretudo pequenos e médios e o extrativismo de algumas espécies da vegetação nativa.

É nesse contexto de organização da pequena produção do município de Paulo Afonso-BA que se dá a geração, circulação e apropriação dos excedentes agrícolas comercializados nas feiras da região, com importante papel no processo de reprodução física e social do pequeno agricultor do município.

Nessa articulação atua, de forma predominante, o feirante profissional (intermediário) sendo, porém, significativa a presença de pequenos produtores retalhando, nas feiras da região, produtos de baixo valor unitário, tais como feijão, milho, farinha, umbu, médios e pequenos animais. Com relação a esses produtos pode-se perceber, que parte deles - milho, feijão e farinha são estocados, seja com o objetivo de assegurar o autoconsumo da família ao longo do ano, seja para revenda naqueles períodos em que se supõe possa o agricultor conseguir melhor preço para o produto. A renda obtida com a venda do criatório destina-se à cobertura de despesas de caráter emergencial e à aquisição de objetos de consumo pessoal da família agricultora.

Ao lado do pequeno agricultor ocorre, nessas feiras, a presença da mulher rural feirante, encarregada da venda de produtos de pequena monta (produzidos na roça, coletados na vegetação nativa e adquiridos de terceiros) contribuindo,

sobretudo nos períodos mais críticos, para a reprodução social da família agricultora do município. Constatou-se, também, entre essas mulheres feirantes sobretudo entre aquelas mais bem situadas no negócio - uma maior mobilidade em termos de deslocamento pelas feiras da região, constituindo-se tal característica numa estratégia de ampliação das possibilidades de venda dos produtos. Verificou-se, inclusive, que algumas delas chegam a repassar parte de seus produtos para outras mulheres feirantes (que não dispõem de capital para se estabelecer de forma definitiva nas feiras), com vista a potencializar a venda dos mesmos, mormente daqueles mais perecíveis.

A análise dessas formas de articulação do pequeno produtor agrícola aos circuitos de comercialização atuantes na área levou-nos à constatação de que, se por um lado, na venda da produção ao intermediário, este se apropria de uma parte significativa do sobretrabalho do pequeno produtor, realizando a subordinação deste ao capital mercantil, por outro lado, na venda direta ao consumidor pelo agricultor retalhista e pelas mulheres feirantes do campo, o pequeno produtor retém uma parcela do seu sobretrabalho, constituindo essas formas complementares de comercialização uma importante estratégia de reprodução social do pequeno produtor agrícola do município estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Roberto Lobato. Rede de Localidades Centrais nos Países Subdesenvolvidos. In. Revista Brasileira de Geografia. 50 (1): 74, jan./mar de 1988.

CASTRO, Ana Célia. et al. Evolução Recente e Situação Atual da Agricultura Brasileira. Brasília: Binagri, 1979.

BAHIA. Secretaria da Indústria Comércio e Turismo. Salvador, Diagnósticos de municípios: micro-área de Paulo Afonso/Jeremoabo. 1995.

GARCIA, Jr. Afrânio R. O Sul: caminho do roçado; estratégia de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero, 1990.

HAUPTLI, Rudolf. Fase Pioneira de uma Companhia Hidrelétrica no Nordeste do Brasil. Zurique, 1994 (Dissertação de Mestrado).

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista. In Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro. 54(1): 96, 1992.

RADAMBRASIL. Levantamentos de Recursos Naturais - Folha SC. 24/25 - Aracaju/Recife - Rio de Janeiro, MME, 1983 v. 30.

SANTOS, Milton. O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana nos Países Subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.
Bibliografia Complementar

ANDRADE, M. C. De. Tradição e Mudança: a organização do espaço rural e urbano na área de irrigação do sub-médio São Francisco. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. A Terra e o Homem no Nordeste. 3^a ed. São Paulo: Atlas, 1986. 239 p.

ARAÚJO, Tania Bacelar de. Nordeste. Nordestes: que Nordestes? In : AFFONSO, Rui de Britto Álvares. (org.) Desigualdades Regionais e Desenvolvimento. São Paulo: Fundap: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1995.

AZEVEDO, Sérgio L. Malta de. O Espaço dos Pequenos Agricultores de Paulo Afonso-BA e sua Participação nas Feiras da Região. Recife, UFPE, 1997 (Dissertação de Mestrado).

BARROS, Nilson Crocia de. Território e Setor Informal: Avaliação Bibliográfica. In: Cadernos de Geociências. Rio de Janeiro: IBGE. (n. 9).

GALDINO, Antônio, MASCARENHAS, Sávio. Paulo Afonso: de pouso de boiadas à redenção do Nordeste. Paulo Afonso: Fonte Viva, 1995.

KAUTSKI, Karl. A Questão Agrária. 3^a ed. São Paulo: Proposta Editorial, 1980, 329 p.

PRADO JÚNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. Anuário Estatístico da Bahia. V. 9, Salvador, 1995.